



Território: um evento que dá lugar à experiência estética

Luciano Vinhosa

Discuto certos agenciamentos de objetos produzidos pelos usuários de cidades no momento em que se apropriam do espaço público. Por tratar-se de domínios de outros, decidi chamá-los de "territórios". Território é, então, um conceito genérico que utilizo para agrupar os agenciamentos segundo as diversas modalidades funcionais a que se prestam. Suas diferentes qualidades espaciotemporais constituem o que, primeiramente, me chamou a atenção sobre eles. Apresento aqui, além da descrição do processo de descoberta e de definição pessoal de território, breve reflexão sobre as qualidades do espaço, da forma e do tempo que lhe são inerentes.

Território, espaço, tempo, forma.

Os agenciamentos territoriais e a paisagem urbana

Caminhando pelas ruas das grandes cidades, não raro, encontramos improvisações de "lugares" agenciados por seus usuários. Os objetos ali agrupados estão organizados segundo uma lógica específica, visando a um fim; indicam, por conseguinte, a apropriação temporária de uma pequena fração do espaço público, convertendo-a, ainda que por um instante, em domínio privado. Os indivíduos neles implicados são, em geral, camelôs, operários da rede de serviço público, moradores de ruas e outros grupos citadinos. Todos contribuem para criar no meio urbano nichos de informalidade que escapam, em maior ou menor grau, ao controle da ordem vigente. Com efeito, seus agenciamentos, conquanto corriqueiros nos pareçam, constituem acontecimentos que assinalam ocorrências pontuais na paisagem. Do plano geral (o ambiente em que se encontram) aos detalhes (as histórias que encerram), eles integram um sistema ao mesmo tempo aberto e fechado. Aberto, por-

que participam do meio que os abriga; fechado, no que constituem eventos circunscritos.

Desse modo, por mais contingentes que sejam, eles ratificam uma situação já instaurada no senso comum; por exemplo: um carrinho que alguém deixou encostado em uma árvore. Esses dois elementos, tomados em conjunto, formam um microssistema primário, composto de um objeto móvel posto em relação a outro, imóvel. A fixidez deste último, dominante na relação, atenua a mobilidade do primeiro, compondo um único corpo estável; de fato, um domínio protegido. Existe aí intrínseca cooperação: um espaço inter-relacional, engendrado por duas instâncias autônomas, a princípio estranhas, mas que desfrutam de intimidade devido à cumplicidade que partilham. Por outro lado, interagindo com a ordem urbana, esse agenciamento depende do contexto maior do cenário em que se inscreve. Assim, está posicionado – e de uma certa maneira integrado – em relação às vias de circulação (calçadas e ruas), às fachadas dos prédios e a

Luciano Vinhosa
Agenciamentos territoriais-Campos Magnéticos/Lugares Sagrados. 2002.
fotografia digital
Arquivo do autor

outros mobiliários urbanos que porventura o ladeiem. Por conseqüência, os agenciamentos trazem sempre significações particulares segundo o modo de se organizar no lugar e enquanto lugar. Instauram, indubitavelmente, territórios estrangeiros, os quais podem apresentar-se tanto como domínios pessoais como impessoais, tudo de acordo com suas qualidades funcionais e com os sujeitos neles implicados.

Mergulhados na rotina, os agenciamentos territoriais correm sério risco de se dissipar no *néant* do cotidiano e, dessa forma, permanecer negligenciados como eventos singulares. Em virtude dessa invisibilidade que lhes faz sombra, fica difícil para o passante e usuário da cidade enxergar as sutilezas que se escondem por trás das camadas das convenções ordinárias que as recobrem. Assim,



só o olhar contemplativo de um *flâneur* as poderia remover e revelar aquilo que guardam de extraordinário. Observando-se atentamente os sentidos que emanam desses agenciamentos, pode-se descobrir maneiras bastante peculiares de criar e gerenciar o espaço.

Porquanto fossem, desde sua emergência, derrisórios e insignificantes esteticamente, meu objetivo era, no entanto, arrancá-los do ostracismo a que foram condenados, iluminando-os com a sabedoria da arte e, assim, revertendo o quadro. O ato fotográfico veio a ser recurso eficaz para apreender a experiência furtiva que eu vivia no momento em que os descobria. Empreendendo uma sequência de ações simples – a escolha de um ponto de vista, a focalização e o clic – eu os extirpava do contexto de origem para os reduzir, em seguida, a uma imagem emblemática, quase autônoma. Percebi que, mais do que mero registro, a fotografia tomara-se o instrumento privilegiado para instaurar o evento estético, uma vez que faz de um agenciamento qualquer o objeto particular da consciência do outro.

Assim, durante meus passeios urbanos, cada território que se descortinava a meus olhos me sugeria um nome próprio, imediatamente percebido como uma nova classe. A primeira que me ocorreu foi “cantos”; depois veio “lugares próprios” e “hábitats”. No final, arranjei-os em 15 tipos diferentes, constituindo assim um arquivo variado de agenciamentos territoriais.

De posse de minhas imagens, pude intuir que havia uma espécie de energia invisível circundando cada um desses tipos de território. Ocorreu-me a idéia de desenhar gráficos dando forma a essa energia singular, que chamei, metaforicamente, de “campo magnético”. Com efeito, passei a representá-los acompanhados de suas respectivas emana-

Luciano Vinhosa
**Agenciamentos
Territoriais/Lugares
Próprios**, 2002,
fotografia digital
Arquivo do autor

ções energéticas. Contando com 15 pares de imagens – território/campo magnético – alinhadas lado a lado no eixo horizontal, meu arquivo ganhou, finalmente, forma artística definitiva. Chamo atenção, no entanto, para o fato de que ele não será objeto de discussão no presente artigo. Apresentarei antes uma reflexão sobre o que, inicialmente, motivou-me a lançar-me nessa empreitada: as diferentes modalidades de espaço, de tempo e de forma implicadas nos agenciamentos, tanto quanto o conceito de território que eles me sugeriam.

As noções de espaço, de lugar, de sítio e de território que Cauquelin¹ nos traz serão aqui retomadas, uma vez que essa autora, trabalhando individualmente esses conceitos, coloca em evidência suas implicações recíprocas. Assim que definir o território, a reciprocidade dessas noções terá curso, se bem que transformada pelo viés fenomenológico. Desse modo, ao tratar de tais conceitos, levarei em conta novas camadas de significações que a experiência lhes confere. Por outro lado, porque tomarei o território como “evento”, as definições mesmo de experiência e de índice em Pierce² me ajudarão nessa empresa. Se, no presente percurso, aproximarei o conceito de território daqueles que os sociólogos americanos Hall³ e Goffman⁴ descrevem, tentarei, contudo, demarcar a singularidade de meu ponto de vista. Em primeiro lugar me debruçarei sobre as teorias de Cauquelin e, em um segundo momento, definirei o território a partir de minha experiência pessoal.

O lugar, o sítio, o território segundo Anne Cauquelin

Refletindo a propósito das diferentes lógicas estruturais que fundam a noção de espaço, de sítio, de lugar e de local, Cauquelin observa que tais noções aparecem no uso da linguagem de todos os dias, freqüentemente

encaixadas. Assim, o espaço, noção mais geral, engloba o lugar que, por seu turno, encerra o sítio, onde se inscreve, finalmente, o local, percebido como o menor e mais específico. Tudo nos levaria a crer que, segundo a lógica corrente, o emprego dos termos obedeceria a uma hierarquia de grandeza. No entanto, para Cauquelin, essas noções se adequam de outra forma. O espaço, instância que se reporta prioritariamente à generalidade geométrica, engendrada pelas coordenadas cartesianas (x,y), nos permitiria localizar um ou mais pontos (a,b,c) na extensão infinita do universo e os colocar, por exemplo, em relação de aproximação relativa. O espaço não envolve o lugar, antes o recobre abstratamente. Em troca, o lugar se consolida pelo uso e pela experiência. Constitui-se de um só corpo que procede da história daqueles que o habitam. Uma vez que concerne



às práticas culturais mais do que às abstrações matemáticas, o lugar abrigaria o homem e o enraizaria. Se "o lugar ultrapassa o esquadreamento do espaço pela multiplicidade dos pontos de vista que o constroem",⁵ é porque se destaca dos substratos da memória de todos aqueles que o edificam. Se de alguma forma o pudéssemos descrever nos apoiando na experiência pessoal, indicá-lo num mapa seria, inevitavelmente, reduzi-lo a uma informação sem substância.

Do cruzamento destes dois conceitos, espaço e lugar, emergiria a noção de sítio. Este último, fixado no lugar e por ele envolvido, sendo um ponto localizável no ambiente, seria, por conseguinte, representável em uma carta geográfica. Assim, as coordenadas do espaço, rastreando o lugar, permitem precisar um ponto: aqui o sítio; acidente, marca singular no quadro geral de um meio. Cicatriz sobre a paisagem, o sítio é híbrido do espaço e do lugar; porque, sendo ponto definido pelas abscissas e ordenadas, não estaria, por isso, menos na origem de uma história particular.

Por outro lado, e segundo uma visão geográfica simplificada, o território é um recorte do estendido terrestre, de fato um continente sobre o qual se inscrevem os acidentes naturais: cordilheiras, montanhas, lagos, rios, riachos, florestas, desertos. Abrigaria também o homem e suas intervenções pontuais: estradas, pontes, fortalezas, cidades, parques, monumentos, casas. Naturalmente, o território circunscreve uma paisagem singular e reclama nome próprio: Gerlandea, Krymonel, Monte Verde. Nesses termos, ele é, antes de tudo, domínio defendido por protocolos e limites construídos, como muros, cercas, pórticos e cancelas; ou ainda por marcos geopolíticos convencionais, como rios e cadeias de montanhas. Transposto para a cartografia, é uma superfície delimitada pelas coordenadas do planisfério. Com efei-

to, o território representado em uma carta geográfica é uma figura geométrica, um plano destacado de um fundo e sobre o qual aparecem os índices e os nomes referentes aos objetos reais que representam.

O raciocínio geométrico que a cartografia confere à noção de território, reveste-se de importância para Cauquelin, porque a autora visa a uma passagem sem rupturas do sítio convencional ao do cyberspaço. Para ela, o modelo mais simplificado de cartografia, correspondendo à carta virtual, seria aquele das *terra incognita* da Idade Média. Dado que as representações medievais não fazem referências a objetos reais, a carta torna-se a única realidade plausível: uma experiência atual. Nesse caso, a autora quer demonstrar que é possível habitar tanto o território virtual como o empírico. Um e outro refletem realidades distintas, mas a concepção abstrata do espaço que os engendra os religa intrinsecamente.

Ainda que as noções gerais de território, bem como as de espaço, sítio e lugar, como aqui descritas, encontrem ancoragem na geometria, na geografia e na cartografia, elas me ajudarão a refletir sobre os agenciamentos territoriais. No entanto, em virtude do assédio corporal que eles me propiciam, irei redefinir essa experiência pelo viés da perspectiva fenomenológica.

Definir o território

O território, encontrado ao acaso das ruas, engendra uma ocorrência indicial⁶ na paisagem urbana. Desde que a singularizo, circunscrevo-a. Se uma ocorrência compreende tanto objetos quanto traços de ações, o território deixaria supor, pelo gesto humano intencional, o agente causal. Dessa forma, revela-nos o lugar que o outro habita. Esse outro que me depara, interpela-me na experiência que vivo.

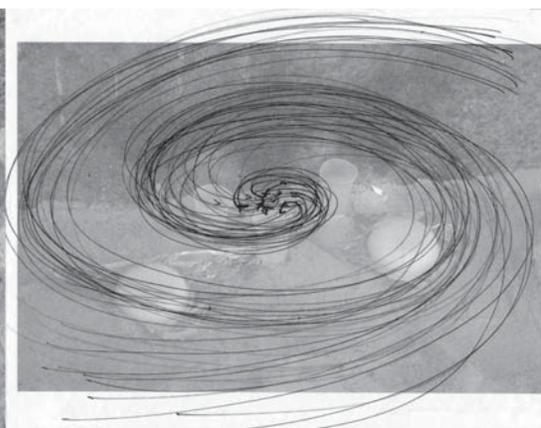
Entretanto, mesmo que o território se instaure por perturbação à norma paisagística, a própria paisagem o envolve. Por outro lado, colocando face a face dois indivíduos (o sujeito territorializado e o estrangeiro), ela fornece o contexto em que a experiência ocorre. Assim, a paisagem, o território e o estrangeiro são os elementos constitutivos desse acontecimento. Indissociáveis, agem, simultaneamente, por interação recíproca.

Ainda que o território se caracterize pela presença de limites, no caso um tipo de membrana imaginária que o separa do meio ambiente em geral, eu o defino como evento onde a experiência tem lugar.⁷ Dito de outra forma, a noção de território reporta-se ao ato que faz, repentinamente, do outro o sujeito de minha consciência, tão logo ele se constitua uma resistência a meu eu. Diferente de mim, o território é uma exterioridade em oposição à minha interioridade. Sou levado a constatar que uma zona intersticial nos separa ao mesmo tempo que nos implica. Mais do que distanciar dois indivíduos, isolando-os, essa zona arbitra os parâmetros da relação. Assim, a experiência territorial nos faz tomar consciência simultaneamente do limite do outro, de nosso próprio limite e do meio ambiente que nos abraça.

Admitindo-se que o território que ora defino instaure-se na relação entre dois indivíduos, ao conceituá-lo, aproximo-me mais da sociologia do que da geometria ou da geografia. Segundo a perspectiva de uma sociologia dita proxêmica,⁸ o território está mais para as relações interpessoais do que para as extensões de superfície, quer sejam elas geográficas ou abstrato-geométricas. Efetivamente, a prática territorial está na base de todo processo de socialização. Hall sugere que, desde que estabeleçamos diferentes graus de proximidades relacionais (como as distâncias íntimas, pessoais, sociais e pública), o território sociocultural humano assemelha-se a uma bolha elástica que nos encerra. Por outro lado, segundo as regras de convivência, as formas de autopreservação dos sujeitos variam, na condição de que suas integridades sejam sempre asseguradas pelos parâmetros formais que a relação impõe.

Se, para Hall, o território se estabelece efetivamente entre duas pessoas, esse que descrevo se estrutura no curso da relação entre uma pessoa e objetos agenciados; conseqüentemente, muda a maneira de os abordar e os perceber. No caso presente, os agenciamentos territoriais revelam uma situação, inventam um lugar e procedem, si-

Luciano Vinhosa
**Agenciamentos
Territoriais/Interditos.**
2002, fotografia digital
Arquivo do autor



multaneamente, de limite, de espaço, de tempo e de forma tão logo o estrangeiro se lance sobre ele.

Território: situação e lugar

Da paisagem à ocorrência e da ocorrência à paisagem, o território compreende tanto a noção de situação quanto a de lugar. Podemos apreendê-lo diferentemente segundo o ponto de vista pelo qual o focalizamos. Do interior, é uma atmosfera na qual estamos imersos; o lugar que nos envolve. Do exterior, uma ocorrência pontual, uma marca ou acidente na paisagem. Participando de um contexto específico, está posicionado em referência a outros objetos que o cercam, configurando, assim, uma situação espacial contingente no meio urbano. Com efeito, tanto o território é um incidente, verdadeiro corpo estranho no ambiente, quanto procede de uma paisagem própria que deixa transparecer uma história. Percebê-lo como situação ou como lugar seria função da posição relativa do sujeito que o aborda.

Da situação ao lugar e do lugar à situação, uma certa reversibilidade se pratica. No entanto, a noção de território não se poderia furtar àquela dos limites intuídos.

Dos limites do território

Em um agenciamento territorial, o limite é o resultado de duas forças que agem de forma concatenada. Assim, ao singularizar-se no meio ambiente, o limite do território funda-se no ponto de equilíbrio entre elas.

A primeira, desde que proporcione os espaçamentos intersticiais, coloca sob sua influência todo objeto e vestígios de ação que se inscrevam no interior do território. À deriva das ocorrências internas, essa força as reagrupa em torno de uma intriga. Porque foi provocada pelo sujeito territorializado – o agente causal – chamo-a de força do

lugar próprio. A outra, externa, agindo de modo diferente segundo a natureza do território, impõe a distância de salvaguarda do estrangeiro. Exercendo um tipo de atração particular sobre ele, sugere os parâmetros da relação. Chamei-a, então, de força relacional. No fulcro de convergência das forças configura-se uma membrana eletromagnética. Ao delimitar o território, o “campo magnético” encerra o lugar do outro ao mesmo tempo que lhe assegura integridade.

Sendo fruto de modos ponderados de convivência entre os indivíduos, o limite dos agenciamentos territoriais é mais pressentido no corpo do estrangeiro do que fixado por muros ou marcos convencionais. A situação proposta sugere sempre diferentes estratégias de aproximação. Em suma, todo sujeito investe sobre o outro mediante discretas manobras de espaçamentos.

Do espaço, do tempo, da forma no interior do território

Em um agenciamento territorial, a disposição espacial dos objetos é o resultado de uma seqüência de ações simples decorridas no transcurso de um drama. Os dados significantes insinuam-se nos intervalos residuais que vinculam os objetos aos fatos. Atendo-se ao clima dramático, o quadro geral sugere uma atmosfera total. Assim, o espaço intraterritorial mostra-se como um tecido indicial do qual se recortam histórias.

Ainda que precária e fugaz, reside em todo agenciamento uma temporalidade; ela vasculha, simultaneamente, presente, passado e futuro. Com efeito, ao fundar uma ocorrência aqui e agora, evidencia o tempo presente: um evento que dá lugar a uma experiência atual. Ao testemunhar um fato que aconteceu, volta-se para o passado; revela-nos, então, os traços de uma história. Circunstancial, o território deixa supor uma dura-

ção: “Estou aqui de passagem.”; “Fui ali, volto logo.”; “Por enquanto, não passe aqui!”. Se nas insinuações espaciotemporais um sujeito permanece implícito, poderíamos, por conseguinte, imaginá-lo.

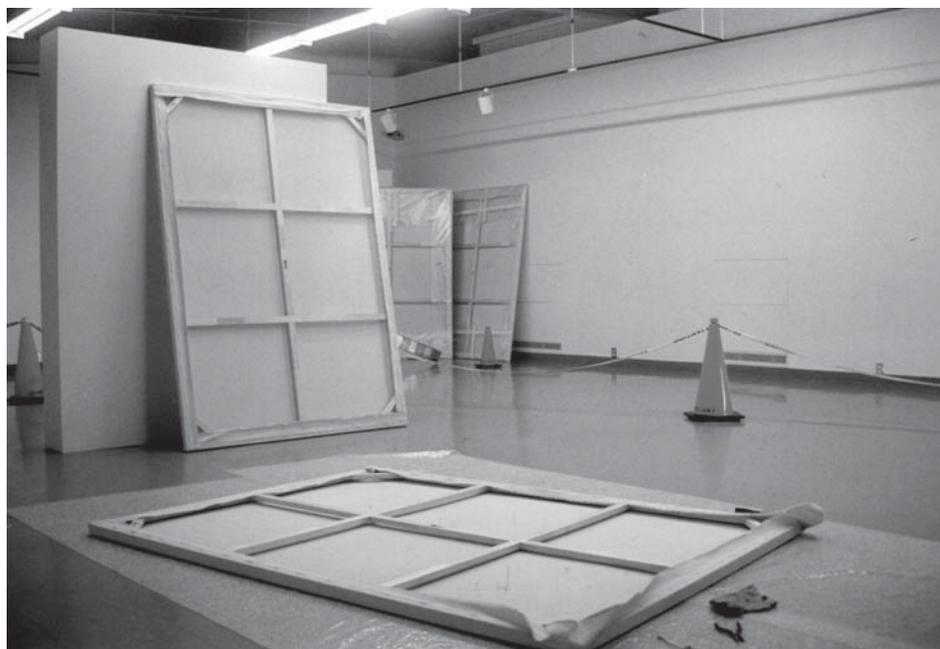
No lugar de figurar-se graças a uma linha de contorno que o conteria e lhe daria fisionomia, o sujeito territorializado se desenha no momento em que o reconstituímos como símbolo. Nessa perspectiva, perfila-se à medida que nos motiva descrições e narrativas. À deriva da imaginação do outro, o processo formador se manifesta no ato da experiência subjetiva que o território proporciona. Com efeito, ao reunir os traços indiciais em uma mesma história hipotética, o estrangeiro o representa em seu espírito.

Se, no tecido indicial que mostra, o território destaca uma energia dramática, não se confundiria, no entanto, com um cenário teatral em que se desdobram os gestos do

ator social, como sugere Goffman. Se, para esse autor, o território é um conjunto de objetos dispostos de tal maneira que enfatize a atuação de outrem, argumentarei meu ponto de vista mostrando que, no agenciamento territorial, sujeito e objetos se encontram integrados em um mesmo plano dramático.

Advertências e ressalvas

Goffman chama de “fachada” a aparelhagem simbólica utilizada pelo ator social durante sua representação rotineira que, segundo o autor, “tem por função normal estabelecer e fixar a definição da situação que é proposta aos observadores”.⁹ Ao descrever os elementos que a compõem, associa-os aos de um cenário teatral. A fachada, assim compreendida, comportaria “o mobiliário, a decoração, a disposição dos objetos e de outros elementos de segundo plano compondo a tela de fundo e os aces-



Luciano Vinhosa
Le Miroir, 2003, vista da
instalação realizada em
Trois-Rivières, Canadá
Fotografia do autor

sórios para os atos humanos que se dobrarão naquele local".¹⁰

Porque o território é, para mim, evento e não cenário teatral, minha análise vai, em parte, de encontro à lógica de Goffman. Os objetos nele inscritos trazem em si uma energia dramática, inerente ao agenciamento, de sorte que os anima e lhes dá vida. Nesse sentido, o sujeito territorializado não só não se destaca do fundo como se mostra contíguo ao plano de dramaturgia. Uma vez que os vestígios se encontram intrinsecamente vinculados aos fatos, o sujeito territorializado é, em si, o próprio agenciamento. Em suma, se um indivíduo hipotético engendra e ocupa o território, encontramos, por toda parte, traços de sua existência. De fato, em vez de se alojar no centro, acha-se disperso e, ao mesmo tempo, inteiro na atmosfera do território.

Ainda que o território, superinvestido de marcas, deixe um sujeito vir à tona, não podemos, todavia, negligenciar a advertência de Pierce, pela qual sustenta que "[O] índice nada afirma; diz apenas: aqui".¹¹ Se a hierarquização e a interpretação das ocorrências obedecem à força do hábito e do bom senso, estão, por outro lado, dimensionadas pelas infinitudes dos possíveis. Ainda que, nesse caso, as possibilidades interpretativas sejam infinitas, excluem, entretanto, certas interpretações consideradas impossíveis. O possível sendo da ordem das contingências, o território encontra-se, então, à mercê dos jogos de possibilidades. Digamos que o ser que habita o território revela-se através do modo condicional: não se diz que o sujeito territorializado é, *será* ou *foi*, mas que *seria*.

Nesse domínio, com efeito, as escolhas praticadas entre as possíveis são, com certeza, explicáveis, mas só até certo ponto, e uma parte das determinações fica de fora das considerações.¹²

Enfim, todo agenciamento territorial procede de indeterminação, em grau mais sutil do que os hábitos nos fazem crer.

Conclusão

Ao fim desse percurso, devo concluir que a experiência territorial é antes privada e, nesse sentido, eu a vivi em minha interioridade como um tipo de epifania. Epifania é o termo empregado pelo escritor James Joyce para qualificar um tipo de atenção estética instantânea – de fato, uma revelação repentina, que tem origem em uma situação corriqueira, *a priori*, sem nenhum apelo artístico particular. Se os passeios urbanos foram para mim um pretexto para viver uma experiência estética, reinvento-a aqui pela arte. Em troca, esta oferece ao receptor a oportunidade de reinvestir na vida cotidiana e de aí descobrir as muitas situações que lhe podem proporcionar experiências inusitadas e enriquecedoras.

A exemplo de Joyce, para quem a escritura vem a ser o contexto que lhe permite partilhar suas experiências íntimas, este artigo, ancorado nas imagens que apresenta, tem por objetivo estabelecer um terreno comum em que eu possa compartilhar as minhas. Porquanto favoreça as trocas lúdicas entre a arte e a ciência, esta reflexão, ao oferecer ao leitor um campo de investigação teórica, funciona também como terreno de inscrição poética para a experiência territorial.

Luciano Vinhosa é artista e professor do Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense. Ph. D. em Estudos e Práticas Artísticas pela Université du Québec à Montréal (UQÀM). Credenciado na Pós-Graduação em Ciência da Arte/UFF.

Notas

1 Cauquelin, Anne. *Le site et le paysage*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

2 Pierce, Charles Sanders. *Écrits sur le signe*. Paris: Seuil, 1978.

- 3 Hall, Eduard T. *La dimension cachée*. Paris: Seuil, 1971.
- 4 Goffman, Erwin. *La mise en scène de la vie quotidienne. Tome I: La présentation de soi*. Paris: Minuit, 1973.
- 5 “(...) *le lieu déborde le quadrillage de l'espace par la multiplicité des points de vue qui le construisent comme lieu*.” Cauquelin, op. cit.: 79-80.
- 6 Segundo Pierce (op. cit.), tudo que nos chama a atenção é um índice. Tudo que nos surpreende é um índice, na medida em que marca a junção entre duas posições de experiência (“*Tout ce qui attire l'attention est un indice. Tout ce qui nous surprend est un indice, dans la mesure où il marque la jonction entre deux positions de l'expérience*”; p. 154); e um índice é um signo ou representação que se reporta a seu objeto (...) porque está em conexão dinâmica (e espacial) de um lado com o objeto individual e, de outro, com os sentidos da memória da pessoa para quem ele serve de signo (“*Un indice est un signe ou représentation qui revoie à son objet (...) parce qu'il est en connexion dynamique (y compris spaciale) et avec l'objet individuel d'une part et avec les sens de la mémoire de la personne pour laquelle il sert de signe, d'autre part*”; p. 158). Com efeito, tão logo a experiência territorial seja um encontro fortuito entre dois indivíduos, todo agenciamento territorial vem a ser, a meus olhos, uma ocorrência indicial.
- 7 Pierce (op. cit.: 93-94) afirma que o tipo de coisa à qual a palavra experiência se aplica mais particularmente é um evento (“*la sorte de chose à laquelle le mot 'expérience' s'applique plus particulièrement est un événement*”).
- 8 Hall, op. cit.
- 9 [A fachada] “*a pour fonction normale d'établir et de fixer la définition de la situation qui est proposée aux observateurs*”. Goffman, op. cit.: 29.
- 10 [O cenário] “*comprend le mobilier, la décoration, la disposition des objets et d'autres éléments de second plan constituant la toile de fond et les accessoires des actes humains qui se dérouleront à cet endroit*”. Idem.
- 11 “*L'indice n'affirme rien, il dit seulement: là.*” Pierce, op. cit.: 144.
- 12 “*Dans ce domaine, en effet, les choix qui sont pratiqués entre les possibles sont certes explicables, mais jusqu'à un certain point seulement, et toute une partie des déterminations reste hors de portée.*” Cauquelin, op. cit.: 121.